

**Gritos suburbanos, cantos torcedores:
movimento *punk* e torcidas organizadas na década de 80**

**Suburban screams, fan chants:
punk movement and organized football fan groups in the 80s**

**Gritos suburbanos, cánticos de hinchas:
movimiento *punk* e hinchadas organizadas de fútbol en los años 80**

Micael Lazaro Zaramella Guimarães ¹

Resumo: O presente artigo se propõe a investigar as relações entre o movimento *punk* e a cultura das torcidas organizadas de futebol, fenômenos surgidos e consolidados entre as décadas de 70 e 80. Tais entrelaçamentos e seus significados são esmiuçados a partir de dois exemplos verificados no contexto brasileiro: as torcidas Anarquia Verde (S. E. Palmeiras) e Anarquia Vascaína (C. R. Vasco da Gama). Para tanto, recorre-se a uma contextualização histórica mais ampla, que retoma exemplos originados no contexto europeu, e a um exercício historiográfico a partir de fontes escritas e orais, estas últimas coletadas na forma de entrevistas pelo autor junto a um dos integrantes das torcidas investigadas.

Palavras Chave: *punk*, futebol, torcidas organizadas.

Abstract: This article aims to investigate the relationships between the *punk* movement and the culture of organized football fans, phenomena that emerged and consolidated between the 70s and 80s. Such links and their meanings are scrutinized based on two examples found in the Brazilian context: Anarquia Verde (S. E. Palmeiras) and Anarquia Vascaína (C. R. Vasco da Gama). To this end, a broader historical contextualization is used, which takes up examples from the European context, and a historiographical exercise based on written and oral sources, collected in the form of interviews by the author with one of the members of the fans groups that are investigated in this article.

Keywords: *punk*, football, organized fan groups.

¹ Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail para contato: micael.zaramella@gmail.com

Resumen: Este artículo tiene como objetivo investigar las relaciones entre el movimiento *punk* y la cultura de las hinchadas organizadas de fútbol, fenómenos que surgieron y se consolidaron entre los años 70 y 80. Se analizan dichos vínculos y sus significados a partir de dos ejemplos encontrados en el contexto brasileño: las hinchadas Anarquia Verde (S. E. Palmeiras) y Anarquia Vascaína (C. R. Vasco da Gama). Para ello se recurre a una contextualización histórica más amplia, que retoma ejemplos originados en el contexto europeo, y a un ejercicio historiográfico basado en fuentes textuales y orales, recogidas en forma de entrevistas del autor a un integrante de una de las hinchadas investigadas.

Palabras Clave: *punk*, fútbol, hinchadas organizadas.

Introdução

Desde meados dos anos 60, a intensa proliferação de subculturas urbanas estabeleceu conexões variadas entre música, comportamento, politização e cotidiano. Interloquções e tensionamentos entre estas diversas expressões, visceralmente dinâmicas, movimentam desde então novas possibilidades, dada a multiplicidade de subgêneros, estéticas e condutas que, ao longo das décadas subsequentes, foram construindo redes independentes para a circulação de suas sonoridades, ideias e práticas.

Nos ambientes afetivos e políticos elaborados por essas subculturas, o futebol também circulou (e circula) enquanto interesse, prática e agenciamento de desejos radicalmente criativos. Os anos 70 e 80 foram particularmente férteis para a proliferação destes modos de existência revoltada, que tantas vezes não encontrava gramática pertinente (ou suficiente) a seus anseios nos consolidados órgãos de esquerda. Neste mesmo recorte temporal, por sua vez, também emergiam experimentos futebolísticos atravessados por uma politização singular, constituída às margens das formas mais institucionalizadas de militância e organização.

A década de 80, em especial, é interpretada por alguns autores e intérpretes do movimento *punk* enquanto um contexto determinante de virada para a expansão de sua politização formal. Certamente, as várias expressões identificadas com o termo *punk* no final dos anos 70 já expressavam uma potência política caracterizada pela ruptura, pela

acidez crítica e por um sentido de protesto: é o que sugeria o crítico inglês John Rockwell, ao pontuar que

Aquela missão era revolucionária. Não revolucionária no sentido de que os roqueiros apoiassem conscientemente a insurreição organizada ou a luta de classes em termos marxistas; o *punk rock* seria riscado peremptoriamente, por qualquer comunista que se respeite, como “baderna”. O *punk* foi revolucionário [...] principalmente como uma manifestação de frustração e raiva de classe e, no mundo ocidental, num sentido mais amplo, como um símbolo de energia inquieta de uma subcultura jovem que encarava a sociedade burguesa industrializada como hipócrita, acomodada e sem perspectivas (ROCKWELL apud MUGGIATI, 1983, p. 111).

Na virada para a década de 80, entretanto, o processo de reorganização das propostas políticas e estéticas do *punk* – a esta altura compreendido enquanto movimento que respondia a um processo de cooptação musical pela indústria fonográfica (BIVAR, 2001, p. 76) –, incorporou um primeiro aprofundamento teórico, prático e tático de sua atuação politizada. O jornalista Antonio Bivar – clássico intérprete do *punk* no Brasil – menciona a organização de festivais explicitamente politizados (como o icônico Rock Against Racism, na Inglaterra) enquanto expressões desse momento (BIVAR, 2001, p. 90), ao mesmo tempo em que a conformação de novas subculturas (como o *anarcopunk*, o *hardcore* político, o *straight edge*, entre outras subvertentes), articulava possíveis interações com outros movimentos sociais. Estes novos marcadores de identificação política, incorporados por diversas subculturas urbanas e particularmente por aquelas que gravitavam em torno do fenômeno *punk*, também se expressaram em características singulares de suas aproximações com o universo futebolístico.

Neste artigo, objetivamos uma abordagem de tais aproximações com base em dois exemplos, pontualmente vislumbrados no contexto brasileiro: as torcidas Anarquia Verde e Anarquia Vascaína, respectivamente organizadas a partir do vínculo com os clubes Palmeiras e Vasco da Gama, no final da década de 80. Nossa interlocução com este objeto deriva de um exercício de pesquisa anterior, vinculado à elaboração do livro “No gramado em que a luta o aguarda: antifascismo e a disputa pela democracia no Palmeiras” (ZARAMELLA, 2022), no qual traçamos uma historiografia das expressões políticas manifestadas em torno da Sociedade Esportiva Palmeiras. Na ocasião, a realização de entrevistas com um dos membros fundadores da Anarquia Verde nos possibilitou vislumbrar conexões entre o *punk* e cultura torcedora, pouquíssimo exploradas até então na bibliografia sobre ambas temáticas. Neste artigo, nosso objetivo é avançar na

interpretação destas conexões estabelecendo interlocuções entre os aspectos relatados oralmente pelo entrevistado em questão e as referências bibliográficas que debatem tanto o *punk* quanto as torcidas de futebol sob uma perspectiva sociocultural. Para tanto, consideramos necessária uma ambientação prévia que contemple as aproximações estabelecidas entre estes campos no contexto – primeiramente europeu –, fundamentada em uma revisão da bibliografia disponível.

Desenvolvimento:

Antes da explosão do fenômeno *punk* entre os anos de 1976-1977, bem como da proliferação dos elementos estéticos, políticos e comportamentais a ele vinculados, aspectos relativos ao pertencimento e à identificação grupal já se manifestavam nas aproximações praticadas por outras subculturas com o futebol: pesquisadores como John Clarke esmiuçam o caso do relevante interesse futebolístico manifestado pelos *skinheads* britânicos (e, logo, de outras localidades), que identificavam no ambiente do esporte um pilar das identidades operárias, constitutivas de seus modos de vida e comportamento (CLARKE, 1973). Entretanto, para além do pertencimento enquanto ponto de partida, as formas politizadas assumidas pelas diversas vertentes do *punk* na década de 80 produziram modalidades singulares de apropriação da cultura futebolística, sobretudo em seu componente torcedor.

Mark Bray, em seu manual “Antifa” – dedicado à apresentação e investigação dos antifascismos organizados em diversos países e regiões do hemisfério norte –, retoma casos importantes de aproximação entre os coletivos estruturados a partir das subculturas urbanas e os ambientes torcedores no futebol europeu dos anos 80: na Inglaterra, por exemplo, torcedores de clubes como Manchester United e Leeds protagonizaram iniciativas pioneiras de militância política nas arquibancadas, que foram capazes de inibir as atividades de fascistas organizados e impor uma incisiva atitude antirracista nos ambientes de seus clubes (BRAY, 2019, p. 237-239). A construção nas arquibancadas de um ambiente politizado à esquerda, com firmes convicções antirracistas e antifascistas que reverberavam os conflitos próprios dos ambientes da subcultura, também é esmiuçado na já clássica pesquisa de Gabriel Kuhn, que para além

de relatar a trajetória de tais agrupações, compila um levantamento relevante de fontes primárias sobre sua atuação (KUHN, 2014).

Ao mesmo tempo, para além da formação de agrupações especificamente articuladas por integrantes das subculturas urbanas, a transição entre as décadas de 70 e 80 também ambientou uma penetração de componentes do *punk* e suas vertentes na própria cultura torcedora organizada, de forma mais massificada. Um emblemático exemplo desta penetração se expressa na proliferação de *fanzines* produzidos por torcedores: conforme assinalado pelo sociólogo Richard Giulianotti, foi “com a influência cultural explosiva do fenômeno *punk* ‘faça você mesmo’ no final da década de 1970 que o *fanzine* tornou-se uma forma subcultural” de alcance cada vez mais ampliado, que objetivava “fornecer uma imagem bem mais representativa dos pontos de vista dos torcedores do que as que se encontram correntemente na mídia”. Na interpretação deste autor, os *fanzines* também propiciaram a articulação de uma “cultura de resistência participativa e espontânea” de torcedores de futebol, que progressivamente capacitou-se na construção de “fóruns mais organizados para proteger seus interesses” (GIULIANOTTI, 2010, p. 88).

Em interlocução direta com tais processos – em curso nas torcidas de diversos clubes europeus, e sem necessariamente estruturar esteticamente uma identificação com as referências do *punk* – um dos fenômenos que mobilizaria maior atenção e interesse, especialmente por seu aprofundamento ao longo das décadas seguintes, foi o da torcida do clube St. Pauli, sediado na cidade de Hamburgo, na Alemanha. A partir de uma aproximação de torcedores provenientes “do punk e do movimento autônomo, coisa que ficava evidente pelas cristas coloridas e jaquetas de couro cheias de bordados que ostentavam” (VIÑAS; PARRA, 2022, p. 145), o tradicional clube local foi transformando sua identidade, até passar a ser reconhecido como “talvez o time antifascista mais icônico do mundo” (BRAY, 2019, p. 238).

Nos anos 80, o grupo de *punks* e autonomistas que se reunia nas arquibancadas do St. Pauli passou a instaurar uma simbologia singular: por um lado, incorporavam o uso da bandeira pirata, iconicamente vinculada ao movimento *squatter* da cidade, isto é, à prática de ocupações de imóveis realizadas por movimentos autonomistas, crescentemente associada ao ambiente das subculturas urbanas do contexto na Alemanha (e logo, também em outros países europeus). Ao mesmo tempo, também introduziam cantos e gritos como

“Fascismo nunca mais, guerra nunca mais, terceira divisão nunca mais!” (VIÑAS; PARRA, 2022, p. 163)², evidenciando os cruzamentos entre seu pertencimento torcedor e suas convicções políticas. Posteriormente, os componentes da torcida foram responsáveis pela criação de uma Associação de Fãs de Futebol Antifascistas, bem como torcidas organizadas *queers* e o estreitamento de laços com torcidas *antifas* de outros clubes europeus (BRAY, 2019, p. 238), além de uma singular penetração na vida social e política da própria estrutura clubística, processualmente ocasionando a oficialização das premissas politizadas enquanto marcas distintivas da agremiação (VIÑAS; PARRA, 2022, p. 358).

O caso do St. Pauli expressa, entre vários de seus relevantes componentes, um exemplo de cruzamento explícito das estéticas *punks* e torcedoras: por esta razão, é recorrente sua referência nas décadas seguintes enquanto inspiração, modelo ou ícone de admiração em outros contextos subculturais mundo afora (VIÑAS; PARRA, 2022, p. 365). Este cruzamento – de forma alguma inventado nas arquibancadas daquele clube (mas amplamente vocalizado pela extensão de sua atuação) – articula-se a um conjunto de outras práticas de apropriação *punk* do futebol, tais como as recordadas por Mark Bray. De tal modo, a diversidade de experimentos relativos a essa intersecção parece ter atingido um ponto singular de visibilidade e alcance através do exemplo do St. Pauli, ainda que não se estruturasse capilarmente a partir do mesmo.

Vejamos o exemplo brasileiro: na mesma década de 80, há notícia de ao menos duas torcidas *punks*, de duração efêmera, que existiram nas arquibancadas praticando cruzamentos entre estéticas e discursividades do *punk* e os componentes específicos dos ambientes torcedores em que se inseriram. Na cidade de São Paulo, enquanto torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras criavam uma ampla variedade de agrupações organizadas, dentre as quais a própria Mancha Verde (que viria a se estabelecer como a mais numerosa e influente torcida organizada alviverde), surgia quase que simultaneamente a torcida Anarquia Verde, formada por *punks* que frequentavam os jogos do clube. No Rio de Janeiro, por sua vez, as arquibancadas do Estádio São Januário também eram ocupadas por diversos grupos e torcidas, em meio aos quais foi formada a Anarquia Vascaína.

² “Nie weder Faschismus, Nie wieder Krieg, Nie wieder 3 Liga!”, no original.

O surgimento dessas agrupações corresponde aos anos finais da década, figurando em um contexto imediatamente posterior à redemocratização brasileira, no qual se destacava o processo político de elaboração de uma nova Constituição e a emergência de novos sujeitos, agentes e movimentos sociais. Neste momento de significativa reconfiguração de discursividades políticas, o *punk* já havia se estabelecido enquanto um elemento de presença marcante em diversas cidades do país, formando parte do amplo leque de expressões compreendidas pela socióloga Helena Wendel Abramo (1994) enquanto “culturas juvenis”. Ao mesmo tempo, no ambiente específico do futebol, também se consolidavam novas formas culturais torcedoras, estruturadas em torno das chamadas “torcidas organizadas”.

A bibliografia produzida no Brasil sobre os diferentes modelos de torcida compreende, de forma bastante consensual, as “torcidas organizadas” enquanto um fenômeno que se consolidou a partir da década de 70, substituindo o anterior modelo (até então dominante) das “torcidas uniformizadas” (TOLEDO, 2000, p. 152). Dentre outras características, a diferença fundamental assinalava uma estruturação mais autônoma das organizadas em relação aos seus clubes de referência, diferentemente de suas antecessoras (as chamadas uniformizadas), mantidas com apoio e participação direta das estruturas administrativas dos clubes em si. Nos termos do historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda, as torcidas correspondentes ao modelo anterior

[...] eram tidas por passivas ou tuteladas pelos dirigentes, pela imprensa e pelos seus próprios chefes. Não se tratava, pois, de uma mera alteração de nome ou de mesquinhas antipatias de fundo pessoal. Era um desejo de maior liberdade e autonomia frente ao clube e de menor reverência frente às *personas* de autoridade. Os torcedores novatos eram impelidos por uma ação social impregnada de conotações políticas (HOLLANDA, 2012, p. 113).

Essa transformação operada no ambiente das arquibancadas incorporava uma significativa mudança geracional, enfaticamente percebida na virada da década de 70 para a de 80 (HOLLANDA, 2012, p. 114). Em particular, o volume humano aportado pela adesão da juventude periférica às partidas de futebol, organizando-se em grupos atrelados à formação e expansão das novas modalidades torcedoras, vinculava-as imediatamente ao amplo campo de subculturas urbanas que se inscrevia no cotidiano das cidades naquele momento. À medida em que entidades representativas tradicionais (tais como movimentos estudantis e organizações vinculadas às classes médias urbanas) perdiam força, o contexto abrigava uma diversificação de “manifestações produzidas por

grupos de origens sociais as mais distintas”, conforme interpretado por Abramo (1994, p. 55).

Recuperando dados do Censo de 1980, a autora aponta que, nas zonas urbanas do país, 70% dos jovens entre 14 e 24 anos mantinham alguma atividade remunerada: de tal modo, argumenta que o surgimento dessas novas subculturas ocorria de maneira mais ou menos simultânea a uma expansão do trabalho juvenil, o que poderia ser interpretado, sob a discursividade neoliberal, como oferta de alguma condição financeira aos componentes desta juventude para organizar-se em torno de hábitos de consumo específico (tais como, por exemplo, frequentar partidas de futebol). Entretanto, os efeitos da crise econômica vivenciada no contexto de virada para os anos 80 (e aprofundada no decorrer da década) também propiciavam uma instabilidade continuada na manutenção das práticas de consumo e diversão: neste sentido, o pesquisador José Manuel Valenzuela Arce assinala o impulso, designado por essa condição, para que as juventudes periféricas estruturassem redes socioculturais próprias, definidas por referenciais simbólicos particulares (ARCE, 1999, p. 79).

Em uma linha similar à de Arce, Helena Wendel Abramo interpreta as novas subculturas ressaltando como componente decisivo as transformações da vida coletiva nas cidades, ao identificar a emergência de agrupações preocupadas como a construção de uma “identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano” (ABRAMO, 1994, p. 82). Os variados exemplos elencados pela autora incluem “os carecas, os metaleiros, os *darks*, os *rappers*, os rastafáris, os *rockabillys*”, aos quais ainda poderíamos acrescentar, além do próprio movimento *punk*, as múltiplas expressões dos movimentos negros em suas vertentes políticas e estéticas: do Movimento Negro Unificado aos bailes *black*, é fundamental destacar sua incidência direta no subsequente desenvolvimento do *hip hop*, sobre o qual o *rap* figuraria como um dentre seus vários componentes (ABRAMO, 1994, p. 83).

Paralelamente à proliferação de subgrupos que demarcavam, em alguma medida, a relação com um determinado gênero musical enquanto premissa de sua construção identitária, autores como o antropólogo Luiz Henrique de Toledo destacam a correlação direta das novas formas de sociabilidade e auto representação estabelecidas pelas culturas juvenis e a formação das torcidas organizadas: nestas, a adesão massiva de jovens (sobretudo de origem periférica) deslocava o eixo de identificação da música para a

preferência clubística, estabelecendo a partir daí a participação coletiva em uma agrupação de pertencimento (TOLEDO, 2002, p.232). De tal modo, conforme salientado pelo pesquisador, as torcidas não se definiam “[...] em função de um *ethos* ou consumo obrigatório de um único estilo (de música, de adesão a um comportamento)” (TOLEDO, 1994, p. 99), mas a partir do referencial clubístico, ao qual progressivamente foram se incorporando outras condições, instituídas na vivência da própria sociabilidade torcedora.

Foi neste contexto que três jovens palmeirenses da zona norte de São Paulo decidiram criar uma torcida que vocalizasse aspectos das culturas juvenis a que se vinculavam. Em 1987, a Anarquia Verde foi fundada por Agnaldo Andriollo (“Magui”), Paulo Gomes (“Bodão”) e Gerson Mosca (“Zé”), jovens que circulavam pelos ambientes da cena *punk* paulistana e frequentavam assiduamente as partidas do Palmeiras, colocando em contato esses interesses através da nova agrupação.

Em trabalho anteriormente publicado (ZARAMELLA, 2022), discuti o processo de formação da torcida com base em entrevistas realizadas com Magui. Nestes depoimentos, o torcedor comenta que o objetivo inicial era vincular “[...] duas paixões: o Palmeiras e o movimento *punk*”³, apresentando um enredamento com o campo politizado de seu contexto: “[...] a gente morava tudo ali pertinho um do outro, e a gente curtia *punk* já, era de esquerda, filiado ao PT naquela época”. Este viés politizado, reforçado por Magui em seus comentários a respeito das trajetórias pessoais de militância dos componentes da Anarquia Verde, não se limitava à inscrição no Partido dos Trabalhadores (PT) – à época dotado de significativa capilaridade entre jovens trabalhadores e periféricos –, mas também se expressava na organização de passeatas e manifestações de rua, tais como atos realizados no dia 7 de setembro por diversos coletivos e gangues *punks* mencionados por Magui.

As pautas políticas próprias do vocabulário da subcultura, há de se destacar, ganhavam força na construção da agrupação, especialmente a partir da premissa de ser uma torcida “de todos, para todos”, acolhendo em suas fileiras uma ampla variedade de palmeirenses de condições sociais, identidades raciais e orientações sexuais diversas. Especialmente em relação a este último aspecto, é relevante pontuar sua relevância no

³ Relato concedido por Magui em entrevista realizada em 11 mai. 2022. As subseqüentes citações diretas e indiretas incorporadas ao texto se referem a esta mesma entrevista.

contexto futebolístico do período: autores como Bandeira e Seffner, dedicados a pensar a construção de representações de gênero e masculinidades no âmbito torcedor, pontuam a naturalização histórica de cânticos homofóbicos e práticas discriminatórias na conduta coletiva de diferentes torcidas, sinalizando um cenário no qual a “aversão aos homossexuais é valorizada” e “entendida como desejável nessa socialização” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 266-267). Ainda que a diversidade sexual presente na torcida Anarquia Verde não seja esmiuçada nos depoimentos de seu integrante, a referência a sua existência já revela um ponto de dissonância com práticas discriminatórias dominantes (e naturalizadas) no contexto em questão.

Ao mesmo tempo, também convém assinalar em que medida tal postura não constituía necessariamente um consenso *punk*, mas um viés politicamente estabelecido que processualmente se manifestava na discursividade de algumas bandas, *fanzines* e materiais, bem como dos próprios *punks* em sua convivência e interação. Eduardo Ribeiro, em seu trabalho de história oral do movimento anarcopunk em São Paulo, reúne depoimentos que referenciam tal processo na virada da década de 80 para a de 90: dentre estes, um dos entrevistados interpreta tais diferenças sob um viés geracional, comentando que, no princípio dos anos 90, “a maioria dos punks das antigas ainda tinha um ranço machista, homofóbico, não entendiam o que era o sexismo [...]. Tudo isso gerava muitas discussões e afastamentos” (RIBEIRO, 2021, p. 66). De tal modo, a existência de uma sensibilidade para estes aspectos na composição do grupo torcedor em questão também afirma certa singularidade no âmbito da sociabilidade *punk*, que deve ser igualmente compreendida em relação ao seu contexto.

Nos depoimentos de Magui, a torcida “de todos, para todos” também aglutinava, em âmbito social, uma variedade de integrantes atravessados por origens diversificadas: a despeito de sua origem localizada na zona norte paulistana – historicamente referenciada como reduto importante de integrantes da subcultura *punk* em São Paulo (BOTINADA, 2006) –, a Anarquia Verde não se tratava de uma agrupação territorializada, à diferença de inúmeras gangues e coletivos da cena *punk* (TEIXEIRA, 2007, p. 10), bem como muitas torcidas que frequentemente surgiam e se restringiam à aproximação de amizades de bairro (HOLLANDA, 2012, p. 114). Magui menciona, nos relatos concedidos em entrevista, integrantes da região de Guaianases (bairro no extremo leste de São Paulo), assim como a aproximação com palmeirenses de cidades do interior e até mesmo a

amizade com torcedores cariocas, estimulando a formação de uma agrupação similar vinculada ao Clube de Regatas Vasco da Gama e fundada em junho de 1988.

A Anarquia Vascaína, portanto, nutriu-se desta interlocução para também formular-se a partir de uma iniciativa coletiva, que durante sua existência se expressou na diluição de qualquer centralização de poder. Conforme relato do vascaíno Eduardo Pacheco, “na verdade não podia ter só um na liderança, também não existia presidente, éramos três, Eduardo Pacheco, Jéferson e Alexandre China” (NETVASCO, 2013). A atuação da agrupação teve uma duração curta (até o ano de 1991), à medida em que seus integrantes optaram por integrar outras organizadas, em uma dinâmica comum do contexto, caracterizada pela existência efêmera de muitas das torcidas (a própria Anarquia Verde, nos termos de Magui, manteve suas atividades ao longo de “quatro ou cinco anos”). Ainda assim, conforme relatos do então militante anarquista Renato Ramos em entrevista concedida em 2004 à Agência de Notícias Anarquistas, a Anarquia Vascaína procurou marcar presença nas arquibancadas durante o período em que existiu, ostentando materiais e bandeiras caracterizados pelo símbolo do “‘A’ na bola”, identificado com o anarquismo e amplamente apropriado à época pela cultura *punk* (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ANARQUISTAS, 2017).



Figura 01: bandeiras da Anarquia Vascaína tremulando nas arquibancadas, em imagem capturada durante transmissão televisiva⁴.

⁴ Imagem reproduzida a partir de NETVASCO, 2013.

Nas arquibancadas palmeirenses, de maneira similar, a Anarquia Verde também ostentava materiais próprios, que explicitavam sua presença através de símbolos e palavras de ordem. Em suas faixas e bandeiras, a menção ao nome da torcida compartilhava espaço com frases como “Pela paz nos estádios”, que de acordo com Magui, fora pensada a partir da referência da frase “Pela paz em todo mundo”, título de álbum da banda *punk* paulistana Cólera. Esta transposição discursiva de referências da subcultura, experimentada na elaboração dos materiais da torcida, também incorporava a caracterização do visual de seus integrantes, que frequentavam as partidas do Palmeiras usando coturnos, cabelos moicanos e outros aspectos próprios da estética *punk*. Nos termos de Magui, “a gente saía de jogo e ia pra *show*, direto, de camisa do Palmeiras”, enredando os hábitos e gostos que haviam estimulado a fundação da torcida.



Figura 02: materiais da torcida Anarquia Verde, junto a faixas da TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) nas arquibancadas do Estádio do Pacaembu, em 1989⁵.

Em outros materiais produzidos pela Anarquia Verde, a conjunção dos interesses que atravessavam o cotidiano de seus integrantes (atitude torcedora e *punk*, futebol e música) também se explicitavam, como nos casos dos *flyers* e adesivos próprios da cultura gráfica de divulgação de eventos e coletivos *punks* (BIVAR, 2001, p. 130). A frase “não destrua o verde, junte-se a ele”, utilizada em um desses materiais, evidencia a interlocução

⁵ Imagem reproduzida a partir de: “Herança da História”. @FotosMancha – Twitter, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/FotosMancha/status/1260238553046532099> (acesso em 12 dez. 2023 às 11:35).

entre os elementos simbólicos do universo *punk* e futebolístico: “verde” é uma alusão direta ao clube de preferência (o Palmeiras), mas que também se reporta a uma preocupação ecológica, especialmente difundida enquanto pauta de alguns grupos *punks* do contexto, conforme exemplificado pelo clássico álbum “Verde, não devaste!”, também da banda Cólera.



Figura 03: flyer/adesivo “Não destrua o verde, junte-se a ele”, da torcida uniformizada Anarquia Verde⁶.

Considerações finais:

Conclusivamente, os casos das torcidas Anarquia Verde e Anarquia Vascaína nos permitem vislumbrar, no contexto brasileiro, uma expressão do amplo leque de interlocuções estabelecidas pelas subculturas urbanas com o universo futebolístico. Em um momento particularmente caracterizado pela distância entre as organizações políticas mais convencionais e a esfera esportiva, a proliferação de possibilidades políticas no ambiente esportivo se expressava dissociada das formas convencionais de organização e mobilização instituídas em seus contextos, não aparentando vínculos ou direcionamentos oriundos, por exemplo, da forma “partido”, então dominante nos modos de organização do campo das esquerdas.

⁶ Reprodução do arquivo pessoal do autor.

Há de se pontuar que o período do regime militar, que governou o Brasil entre 1964 e 1985, foi atravessado, no campo futebolístico, pela existência de diversas “práticas de liberdade”, conforme termo utilizado pelo antropólogo José Paulo Florenzano (2021) para referenciar experimentos autônomos que tomaram forma no âmbito profissional e torcedor do futebol brasileiro da época. Estes experimentos contemplam tanto as articulações democráticas de atletas de clubes como Santos, Palmeiras, Fluminense e Corinthians, constituídas em diferentes momentos do regime no contrapelo da cultura autoritária (FLORENZANO, 2021), quanto a própria emergência do modelo político das torcidas organizadas (HOLLANDA, 2012). Compreendendo o final da década de 80 enquanto um período de transição atravessado por certa euforia democratizante, as apropriações *punks* do futebol expressadas naquele momento também evidenciam essa característica, direta ou indiretamente herdada das formas imediatamente anteriores de politização no futebol.

Ao mesmo tempo, estas coletividades subculturais eram portadoras de uma quebra significativa de expectativas nas formas políticas tradicionais: a desesperançosa confiança na catástrofe, já reconhecida em 1977 pelo *No future* da primeira geração *punk* (BERARDI, 2019, p. 8) e atualizada, na década de 80, em referências ao “começo do fim do mundo” (nome do icônico festival *punk* realizado no SESC Pompéia em 1982), passou então a conviver com formas de ativismo que se reuniam em torno de bandeiras anarquistas, antirracistas, bem como da ecologia, do veganismo e do pacifismo (entre outras). Ainda que pudessem se aproximar e enredar suas práticas às atividades de organizações convencionais – como a própria filiação de integrantes da Anarquia Verde ao nascente PT pode indicar –, isto não significava, necessariamente, um alinhamento ou adesão programática: a torcida nasceu em um contexto político caracterizado pela presença do PT, mas não a partir de suas diretrizes.

Parte dessa forma singular de interagir com o campo político decorria da ética do “faça você mesmo” que percorre a produção musical e estética *punk* (HOME, 2005, p. 127), e que se manifestou com intensidade nas subculturas no Brasil a partir da virada para a década de 80 (RIBEIRO, 2021, p. 122). O distanciamento para com as lógicas dominantes e modos de produção do *mainstream* evidenciava-se, por exemplo, na organização independente dos *shows* e festivais, bem como na gravação dos primeiros álbuns. Concentradas em São Paulo, a maior parte dessas experiências pioneiras de autonomia

partia de um vínculo entre a vontade de fazer, a impossibilidade de acessar os meios convencionais, e a necessidade de desenvolver modos próprios: assim nasceram as primeiras bandas, que logo passaram a organizar eventos e festivais como o “grito suburbano”, realizado em diversas edições ao longo de 1981 (ESSINGER, 1999, p. 107), e que originaria (e intitularia) o primeiro LP *punk* lançado no Brasil, em 1982.

No âmbito torcedor, uma transposição dessas formas parece se expressar na gênese e composição das torcidas que observamos. À diferença das antigas torcidas uniformizadas, que buscavam apoio, chancela e legitimidade junto ao clube de sua preferência (TOLEDO, 2002, p. 226), a Anarquia Verde e a Anarquia Vascaína desenvolveram-se por conta própria no campo autônomo das arquibancadas. De maneira similar, produziram seus materiais e mantiveram suas atividades ao longo dos anos de suas existências.

De tal modo, através de uma relação autônoma com os elementos de seu interesse, percebemos a aproximação dos *punks* (bem como dos integrantes de outras subculturas) com a experiência futebolística e torcedora. Em um momento histórico no qual a discursividade oficial das esquerdas pouco se interessava pelos desdobramentos socioculturais desta experiência – tomando-a como “um elemento que alienaria o povo (a partir de uma interpretação do marxismo) ou embruteceria os indivíduos (na perspectiva liberal), distanciando-os de seus ‘verdadeiros’ interesses” (OLIVEIRA, 2021, p. 4) – as agrupações torcedoras *punks* incorporavam o futebol enquanto marcador de reconhecimento e pertencimento, que possibilitava ressignificar politicamente os sentidos da cultura esportiva: ao alimentarem-se dos componentes que já circulavam por seus espaços sociais de origem, as subculturas urbanas agenciaram novas possibilidades para seu significado político, especialmente à medida em que, embora carregassem consigo destacados marcadores culturais e artísticos articulados (sobretudo) através da música, as perspectivas de luta e enfrentamento às injustiças sociais e políticas também atravessavam suas existências.

As heranças que proliferaram a partir dessas experiências são vastas. Múltiplas aproximações e enredamentos entre o universo das subculturas e o futebol se estabeleceram em distintas partes do globo, alimentando-se e dialogando com outras experiências futebolísticas politizadas. No cenário brasileiro, há uma farta variedade de experimentos posteriormente protagonizados por *punks* de arquibancada, que abrange

tanto a formação de bandas especificamente dedicadas à temática – tais como o grupo “Visitantes”, formado por torcedores do Esporte Clube Santo André que tematizam em *punk rock* seu vínculo torcedor (MIRANDA, 2016) –, quanto sua participação e protagonismo na formação de coletivos antifascistas e torcidas organizadas. Entre estas, destacam-se exemplos como a Ultras Resistência Coral, fundada em 2005 por torcedores do Ferroviário Atlético Clube identificados pelo pertencimento à subcultura *RASH – Red and Anarchist Skinheads* (PINHEIRO, 2020, p. 46), e a Punk Santista, criada em 2015 (CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO, s.d.).

Nas arquibancadas palmeirenses, há de se mencionar a torcida Camorra, agrupação palmeirense no estilo *barra brava* que existiu entre 2009 e 2015, ostentando referências visuais que explicitavam sua aproximação com a subcultura *punk*, tais como o símbolo da caveira da banda Misfits em instrumentos, camisetas e outros materiais (ZARAMELLA, 2022, p. 143). Alguns anos depois, uma genealogia que remete à existência pioneira da Anarquia Verde passou a ser convocada por novos grupos e movimentos, tais como o coletivo Punkada Palestrina, fundado em 2020 e “dedicado à cultura *underground* e ao Palmeiras”⁷.

A maior parte de tais exemplos, entretanto, ainda carece de uma abordagem consistente pelo viés acadêmico. Desde a década de 90, a temática futebolística parece ter superado sua condição de objeto marginalizado pelas Ciências Humanas (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 295), cenário que, transposto para o caso do *punk*, não se apresenta com a mesma regularidade: de acordo com a historiadora Ivone Gallo, “persiste, ainda, infelizmente, uma lacuna acerca tanto de uma história quanto de uma historiografia do fenômeno”, ainda que “em âmbito acadêmico encontremos estudos na área da antropologia e da sociologia que se converteram em clássicos e trabalhos de qualidade incontestável” (GALLO, 2010, p. 291). É fato que as considerações da pesquisadora, originalmente publicadas em 2010, podem ser reconfiguradas à luz de novos trabalhos (pesquisas, seminários, dossiês temáticos) apresentados desde então. No entanto, a abordagem de experiências de enredamento entre o universo futebolístico e as formulações estéticas, comportamentais e políticas do *punk* ainda se revela como um

⁷ Entrevista com integrantes do coletivo Punkada Palestrina, realizada em 26 ago. 2022. Os integrantes do coletivo optam por não se identificar nominalmente.

campo aberto, a ser aprofundado e ampliado em novos exercícios de pesquisa que preservem, transmitam e interpretem sua memória.

Referências bibliográficas:

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ANARQUISTAS. Futebol sempre foi ópio e paixão: entrevista com Renato Ramos (2004). *Agência de Notícias Anarquistas*, 29 set. 2017. Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2017/09/29/memoria-futebol-sempre-foi-opio-e-paixao/>
- ARCE, José M. Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Trad. Heloísa B. S. Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, ano XIV, n. 29, jul.-dez. 2013.
- BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- BRAY, Mark. *Antifa: o manual antifascista*. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. Punk Santista. *Banco de dados do Centro de Referência do Futebol Brasileiro*, s.d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/645196/>
- CLARKE, John. *Football hooliganism and the skinheads*. Discussion paper. University of Birmingham, 1973. Disponível em: <http://epapers.bham.ac.uk/3353/>
- ESSINGER, Silvio. *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2021.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João; MELO, Victor Andrade de. TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- HOME, Stewart. *Assalto à cultura: utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX*. Trad. Cris Siqueira. 2ª edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
- KUHN, Gabriel. *Futebol contra o Estado: confrontando futebol com políticas libertárias*. Trad. Adriana Samper [et. al.]. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014.
- MIRANDA, Jean. Visitantes: punk rock e amor ao Santo André. *Blog na mira: futebol e rock 'n' roll, música e cultura*, 13 mar. 2016. Disponível em: <https://blog-na-mira.blogspot.com/2016/03/visitantes-santo-andre-punk-rock.html>
- MUGGIATI, Roberto. *Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- NETVASCO. Conheça as organizadas vascaínas dos anos 80 Anarquia, Vascaneco, Vascotero e VASFátima. *Netvasco*, 9 out. 2013. Disponível em:

<https://www.netvasco.com.br/n/136230/conheca-as-organizadas-vascainas-dos-anos-80-anarquia-vascaneco-vascoterio-e-vasfatima/>

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. *Revista Sociedade e Cultura*, v.24, 2021. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/65892>

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

RIBEIRO, Eduardo. *Uma história oral do movimento anarcopunk em São Paulo*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2021.

TEIXEIRA, *O movimento punk no ABC paulista: Anjos - uma vertente radical*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, 1994.

_____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In: COSTA, M. R. da [et al.]. *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo, Editora Musa, 2000.

_____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

VIÑAS, Carles; PARRA, Natxo. *Sankt Pauli: um outro futebol é possível*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

ZARAMELLA, Micael. *No gramado em que a luta o aguarda: antifascismo e a disputa pela democracia no Palmeiras*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

Referências discográficas:

CÓLERA. *Pela paz em todo mundo*. São Paulo: Ataque Frontal, 1986. 1 LP.

_____. *Verde, não devaste!* São Paulo: Devil Discos, 1989. 1 LP.

CÓLERA; INOCENTES; OLHO SECO. *Grito Suburbano*. São Paulo: Punk Rock Discos, 1982. 1 LP.

Referências audiovisuais:

BOTINADA: a origem do *punk* no Brasil. Direção: Gastão Moreira. Brasil. ST2 Vídeo, 2006. 1 disco (DVD).